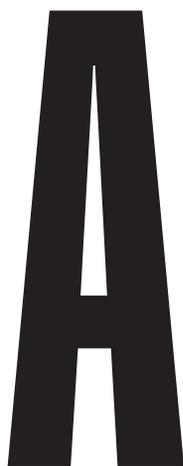


Reflexos do olhar

Joel de La Laina Sene
fotos e texto



percepção do tempo preocupa o ser humano desde a Antiguidade. Com o advento da fotografia, se permitiu à imagem simultaneamente congelar um instante e recortar um espaço. Essas imagens rapidamente se tornaram registros que atestam a presença de um observador, uma testemunha incontestável pela própria existência do documento fotográfico.

Se, por um lado, as imagens fotográficas podem ser produzidas, arranjadas, alteradas, por outro lado, essas considerações não parecem ter importância quando se atribui a essas imagens um valor de fidelidade ao evento apresentado. Com o tempo em suspensão e o espaço imutável podemos enfim observar aquele fato em profundidade, mesmo que uma fotografia não passe de um plano de diminuta espessura.

A captação de imagens em movimento permitiu não só o registro dos objetos dentro do quadro, mas também o deslocamento do ponto de vista. A cinematografia constitui, assim, uma opinião narrativa sobre um mundo observado dito documental ou preparado, ensaiado e próprio da ficção.

Ao desviar a lupa do centro das imagens para suas fronteiras, aponta-se apenas para mais uma interferência autoral em um suposto discurso isento ou objetivo. As objetivas são operadas por seres responsáveis pelos registros por detrás das câmeras. A cinematografia e mesmo apenas uma fotografia fixa sofrem, por inúmeras ocasiões, análises por parte da filosofia, da estética, da semiologia e – ampliando este universo – também da psicologia, da sociologia e da história.

Muito já foi pensado sobre uma determinada fotografia. Trata-se, aqui, de procurar e encontrar sentido entre as imagens como conjunto, ou seja, não apenas na intenção que move plano por plano, mas na sua relação de diálogo em ressonâncias, sintonias e antagonismos em um repertório visual e, desse modo, vislumbrar como as imagens preconcebidas de diferentes formas podem ganhar novas leituras quando amalgamadas, a configurar narrativas compostas de camadas.

Aqui, se a imagem se refere ao real, se advém deste, como rastro, parece já não ser tão relevante quanto as intenções de um editor construtor que pavimenta viadutos de comunicação entre as ilhas afloradas. De todo modo, as imagens técnicas passam por um processo de registro que impõe suas regras, que mostram de forma mais evidente ou mais camuflada os métodos de captação.

O fotógrafo, ao elaborar por meio do dispositivo fotográfico, reflete seu imaginário, antes de configurar como definitivo o discurso. Concebe pensamento e olhar, pelos quais se torna responsável. A continuidade ou sobrevivência dessas imagens depende sempre do interesse e das afinidades com os receptores.

A memória contemporânea se nutre dos registros capturados e cativantes. Em sentido quase oposto, *cattivo* em italiano seria “ruim” em português. Mas nem sempre estamos em busca de belas imagens, às vezes somos imantados pelo humor e pelo incomensurável sublime.

JOEL DE LA LAINA SENE é fotógrafo e professor do Departamento de Cinema, Arte e TV (CTR) da ECA-USP.



De Young Museum, São Francisco, Califórnia, 2010



Momidi, Kyoto, 2009/ Pau-Ferro, Av. Paulista, São Paulo, 1985



Barcelona, 1998



Roma, 2009; Museu Rodin, Paris, 2011



Roma, 2009; Santuário Ise, 2009

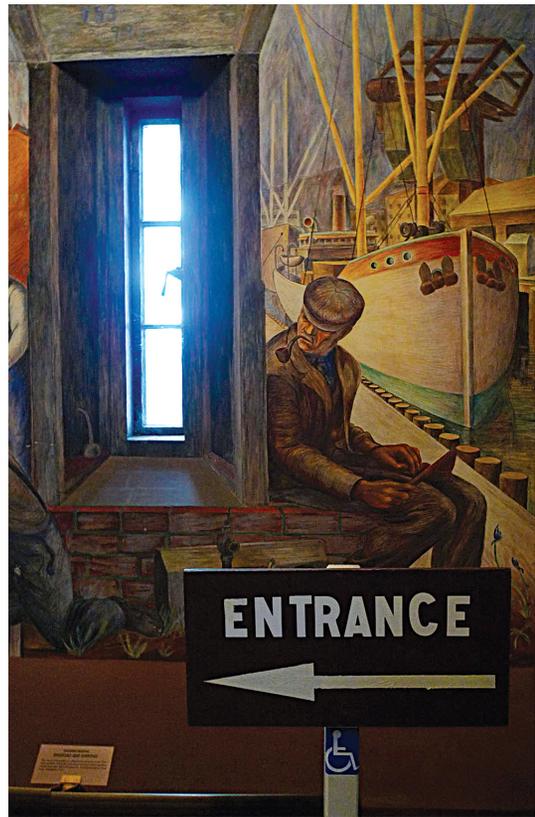




Figuerres, Catalunya, 2008; Ise, Japão, 2009



Parque do Ibirapuera, São Paulo, 1986



Kyoto, 2010; São Francisco, 2010



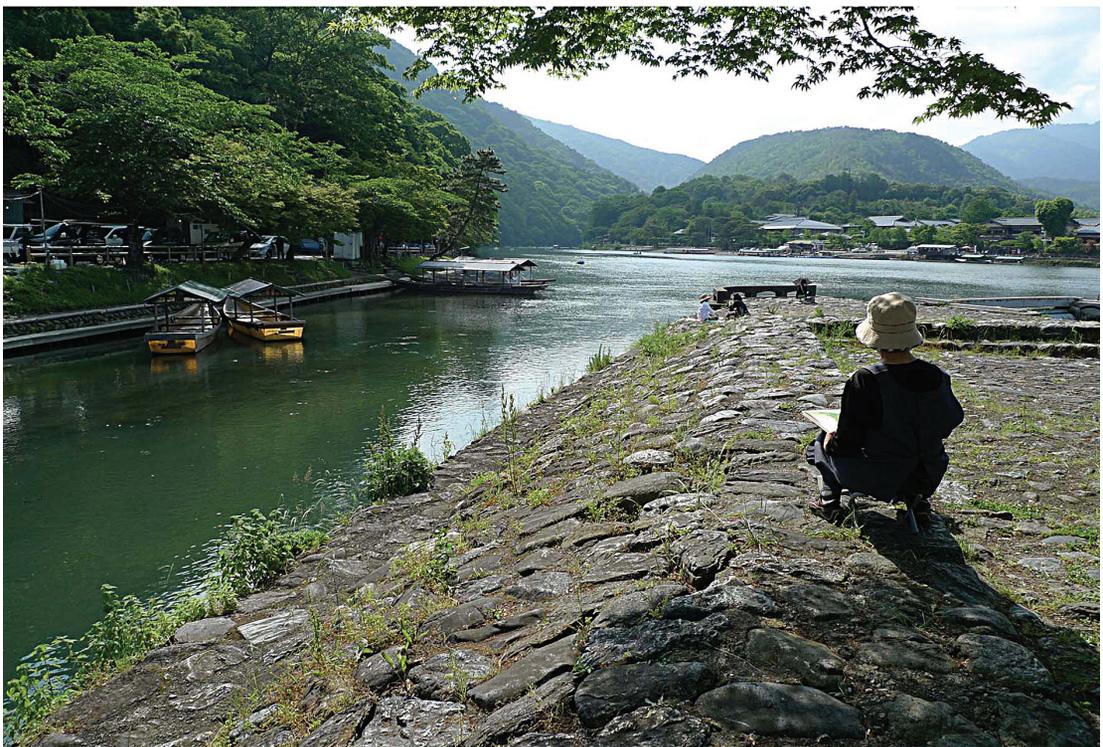
Nara, 2009



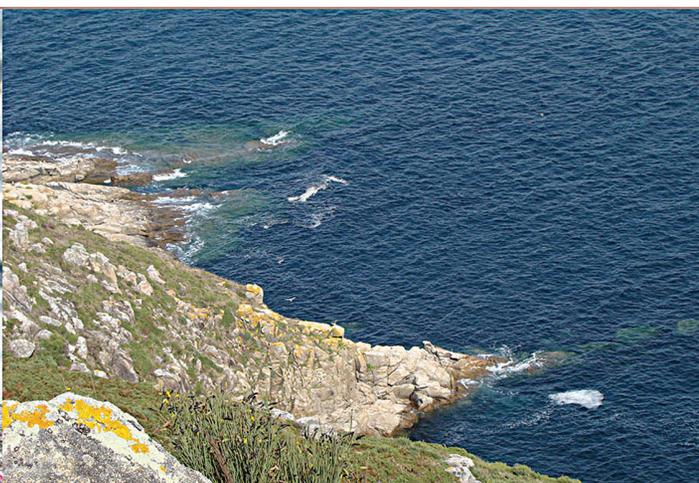
Kobe, 2015



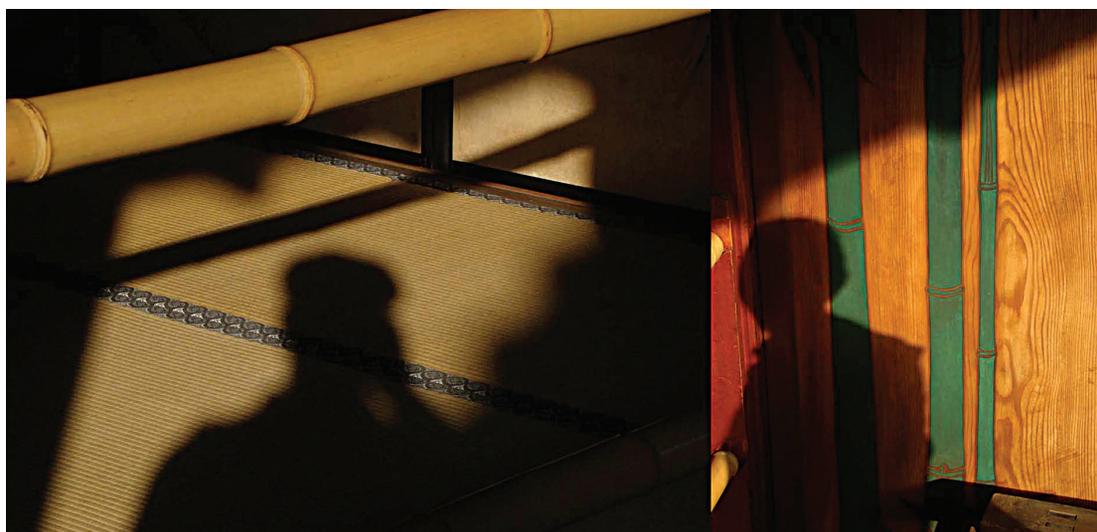
Arashiyama, Kyoto, 2009; São Francisco, 2010



Arashiyama, Kyoto, 2009; Osaka, 2009



Olhar de gaivotas, Parco Virgiliano, Napoli, 2008; Casal no Fisterra, Galiza, 2008



São Francisco, 2010; Arashiyama, Kyoto, 2009